

# Entrando no presente

Jaldo de Souza Santos,  
Presidente do Conselho Federal de Farmácia

A humanidade tem um papel importante para o farmacêutico, neste momento ímpar, em que os olhos dos líderes dos países voltam-se para a saúde, por ser esta a chave para a prosperidade mundial. Não se pode vislumbrar nenhum progresso para a humanidade, se a saúde não estiver no eixo de suas prioridades. Essa afirmação não traz nenhuma novidade. A novidade está, sim, em os líderes mundiais reconhecerem essa verdade e passem a lutar por ela, ainda que timidamente, em alguns países. De sorte que algo de novo, em meio a tantos problemas, começa a surgir, com vistas a encurtar as distâncias sociais, principalmente na área da saúde, que separam os povos. E o farmacêutico está no centro dessa perspectiva.

Eu e o vice-presidente do Conselho Federal de Farmácia, o Dr. Salim Tuma Haber, acabamos de chegar de Cingapura, na Ásia, onde fomos assinar o ato de filiação do CFF à Federação Farmacêutica Internacional (FIP) e, ali, participamos de um congresso mundial de farmacêuticos, onde se discutiu, à exaustão, algo que dá muito bem o tom do que virá pela frente, em relação à saúde, no mundo: a intensificação da atenção primária à saúde, com a máxima participação do farmacêutico.

A FIP é uma entidade séria e com grande influência e prestígio junto à Organização Mundial de Saúde (OMS) e aos governos dos países. Ela é a mais alta corte farmacêutica do mundo, à qual nós, brasileiros, temos o orgulho e o privilégio de, a partir de agora, integrar. Pois bem, este organismo está deflagrando uma campanha de convencimento junto aos líderes dos países em desenvolvimento, provando que os serviços prestados



pelos farmacêuticos, nas farmácias, podem resolver grande parte dos problemas de saúde das populações.

É muito fácil entender isso. Uma fatia enorme, senão a maioria, dos problemas de saúde compõe-se de doenças e de necessidade de informações que os serviços de atenção primária solucionariam, perfeitamente. E o conjunto de serviços que nós prestamos, nas

farmácias comunitárias, denominados de atenção farmacêutica, são exatamente de atenção primária.

Exemplos desses serviços são as orientações de como se evitar e se controlar doenças, como a diabetes e a hipertensão arterial; de como usar um medicamento e de como substituir um de marca por um genérico. A atenção farmacêutica vai mais longe, ainda, chegando à área clínica, a ponto de o farmacêutico poder fazer o acompanhamento farmacoterapêutico do paciente e até realizar a prescrição farmacêutica, uma área nova, mas em curso, no Primeiro Mundo, com resultados fantásticos. É positivo salientar que o farmacêutico é o profissional de saúde mais disponível, no mundo inteiro, e os seus serviços são gratuitos. Então, por que não procurá-lo?

Com essas e outras ações, o farmacêutico pode ajudar a reverter os graves problemas de saúde existentes. Ele é o único profissional especializado em medicamento, em nível superior. Mais do que um especialista em medicamento, ele é também conhecedor profundo do seu usuário. Por isso, ele deve atuar junto ao paciente, do ponto de vista da terapêutica, para assegurar-lhe um melhor tratamento. A humanidade aguarda muito do farmacêutico. Afinal, seria diferente a saúde dos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, se os seus

governos criassem políticas públicas de atenção farmacêutica. Quantas doenças não estariam controladas.

O Conselho Federal de Farmácia vem travando uma luta, desastrosamente e sem precedentes, no sentido de convencer o Governo a incluir o farmacêutico em seus programas de saúde pública. O Ministério da Saúde, sensível a este nosso apelo e à verdade, segundo a qual não existe saúde sem farmacêutico, está revendo uma posição errada sua – a de centralizar, no médico, os programas de saúde – e deverá inserir o farmacêutico no Programa Saúde da Família (PSF). Temos recebido cartas (uma delas está na seção “Cartas dos leitores”, desta revista, e ligações telefônicas com denúncias de erros graves cometidos dentro do PSF, na área de medicamentos, devido à ausência do farmacêutico no programa). Não poderia ser diferente.

Daqui para a frente, todas as nossas lutas ganharão um aliado de peso: a Federação Farmacêutica Internacional que, por sua vez, fará uma triangulação junto à OMS, levando e referendando os nossos apelos por uma saúde verdadeiramente universal. Essa universalidade ficaria pela metade, se não constasse dos serviços farmacêuticos. Por isso, a filiação do CFF à FIP é tão relevante. Eu diria que é um dos grandes fatos na história da Farmácia, no Brasil.

Essa aproximação nossa com esse organismo internacional rompe fronteiras para o farmacêutico brasileiro, aproxima-nos das mais importantes e modernas políticas farmacêuticas mundiais e abre um canal direto de comunicação (entenda-se acesso ao conhecimento técnico-científico) com o Primeiro Mundo. Considerando que vivíamos um certo atraso nas nossas relações internacionais, a filiação à FIP significa um grande salto para o presente. Esta é uma das pontes que atravessaremos para conquistar o futuro.